

**Na Planície Amazônica (1926): De “... humilde oferenda intelectual da radiosa
Amazônia” a experimento renovador da literatura regional**

IZA VANESA PEDROSO DE FREITAS GUIMARÃES¹

1. Introdução

A *belle époque*, o modernismo, a Revolução de 1930 são, sem dúvida, os principais processos de recriação social vividos no início do século XX na Amazônia e foram eles que mais influenciaram o olhar nacional sobre a região. Nesses processos históricos, a ideia de “moderno” torna-se a chave de compreensão dos significados produzidos pela intelectualidade e pelos artistas sobre a Amazônia. Inserem-se nessa constelação de significados, os construídos por Raymundo Moraes em sua trajetória de jornalista e escritor que se inicia em 1908 com *Traços a Esmo* e encerra-se com *Um Eleito das Graças* em 1941.

Raymundo Joaquim Moraes² (seu nome de batismo) nasceu em 15 de setembro de 1872 e morreu em três de fevereiro de 1941 em Belém/PA. Desde muito jovem acompanhava seu pai, o “prático”³ Miguel Quintiliano de Moraes, em navios gaiolas. Tornou-se prático e depois comandante do navio “Rei Lear”; não avançou seus estudos, foi autodidata e autor de uma vasta obra.



Entre o nome do navio que Raymundo Moraes comandou na juventude e a sua trajetória intelectual e política há uma surpreendente coincidência: a metáfora do “homem desacomodado”⁴ de William Shakespeare (1564-1616), na tragédia *Rei Lear* (1608), história

¹ Professora Assistente da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Mestre em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 2007). Doutoranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), sob a orientação do professor Dr. Paulo Knauss de Mendonça.

²Fotografia de Raymundo Moraes, 1935. Imagem disponível em: <<http://catadordepapeis.blogspot.com.br/2012/07/raymundo-moraes-1872-1941.html>>. Acesso 16/05/2014. Essa imagem encontra-se publicada no livro: MORAES, Raymundo. *Amphitetro Amazônico*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, s/d [1936?], p. 2. Optei por grafar o seu nome, Raymundo Moraes, da forma como está grafado na autoria de suas obras publicadas no recorte dos anos de 1920 e 1930.

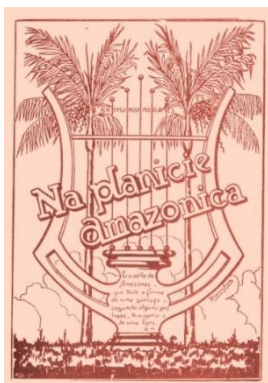
³ Prático significa “Piloto fluvial. Que dirige a bordo dos ‘gaiolas’.” (MORAIS, 2013: 140).

⁴ Marshall Berman (1986), na obra *Tudo que é sólido se desmancha no ar*, analisa as imagens da vida moderna presentes no *Manifesto do Partido Comunista* (1948), obra de Karl Marx (1818-1883) e de Friderich Engels (1820-1895). Segundo o autor, uma dessas imagens é a “nudez” e sua dialética. O sentido da nudez em Marx está muito próximo do “homem desacomodado” de William Shakespeare, na obra *Rei Lear* (1608).

que transcorre em torno da figura de um rei, o qual perde tudo o que possuía e passa por toda uma árdua e violenta trajetória de sofrimentos para se tornar finalmente *ser humano*, reconhecendo a *ligação* entre *ele e os outros*. As experiências de Raymundo Moraes em viagens pelos sertões amazônicos auxiliando seu pai como prático, ou comandando o “Rei Lear”, aproximaram-no muito à Planície, aos habitantes e à natureza nessas paragens; foi essa ligação profunda com a Planície que o fez um dos grandes etnólogos/etnógrafos da Amazônia.

Em Belém, atuou como jornalista colaborando nos jornais *O Estado do Pará* e *A Província do Pará* e dirigiu com Félix Coelho o jornal *A Tarde*, Pará, ocupou cargos públicos importantes como a diretoria da Biblioteca Pública e Arquivo Público do Pará, foi inspetor escolar e secretário de Magalhães Barata⁵ em sua primeira interventoria (1930-1934); em Manaus, dirigiu a Imprensa Oficial e o jornal *A Gazeta* (Larêdo, 2007).

Sua obra começou a ser conhecida com a publicação de *Na Planície Amazônica*⁶ em



1926, uma das mais importantes narrativas sobre a Amazônia nos anos de 1920. Esse livro elogiado pelo então presidente da república, Washington Luís (1869-1957), tornou-se regional e nacionalmente conhecido⁷, rendeu-lhe um prêmio na Academia Brasileira de Letras (ABL) e foi adotado como manual na instrução pública dos estados do Amazonas e Pará. Sócio-fundador da Academia Paraense de Letras (APL), Raymundo Moraes ainda se manteve à margem dos círculos intelectuais e literários da época.

2. Nasce, então, um escritor brasileiro!

Raymundo Moraes (1872-1941) iniciou sua carreira como escritor em 1908 com a publicação de seu livro *Traços a Esmo*, porém, tal livro não teve repercussão alguma entre os intelectuais e escritores da época. Em 1924, publicou seu segundo livro, *Notas dum jornalista*, que teve repercussão nas principais capitais amazônicas, Belém e Manaus.

⁵ Joaquim de Magalhães Cardoso Barata tornou-se um mito político no Estado do Pará. Assumiu o governo após a Revolução de 1930, como interventor federal nomeado por Getúlio Vargas. Governou o Pará de 1930 a 1934, período denominado de primeira interventoria e depois retornou ao governo em 1943, iniciando a sua segunda interventoria. Elegeu-se para governador em 1955, no estado do Pará, porém, não cumpriu todo o mandato, pois veio a falecer em 1959.

⁶ A imagem ao lado é a capa da primeira edição do livro *Na planície Amazônica* (1926). Disponível em <http://catadordepapeis.blogspot.com.br/2012/07/raymundo-moraes-1872-1941.html>. Acesso: 16/05/2014.

⁷ TOCANTINS, 2000, p. XX.

Sua inserção nos quadros dos escritores brasileiros veio somente em 1926, com seu terceiro livro publicado pela Tipografia Clássica em Manaus/AM: *Na Planície Amazônica*⁸. No mesmo ano, devido a sua grande procura, o livro ganhou sua segunda edição, publicada pela Tipografia L. Aguiar também em Manaus com informações adicionais, e terceira edição, publicada pela Editora Civilização Brasileira, sendo essa a edição mais conhecida, somando 19 mil exemplares impressos. Sua quarta e quinta edições consecutivas vieram através da coleção Brasiliana, da Editora Nacional, em São Paulo.

No ano 2000, o livro foi publicado pelo Senado Federal em sua 7ª edição⁹; por enquanto essa é a mais recente edição da obra, compondo a galeria das obras mais importantes da História do Brasil, reunidas na *Coleção Brasil 500 Anos*. Ao lado das narrativas de Euclides da Cunha (1866-1909) em *À margem da História* (1905), de Alberto Rangel (1871-1945) em *Inferno Verde* (1908) e de Alfredo Ladislau (1882-1939) em *Terra Imatura* (1923), o livro *Na Planície Amazônica* (1926) é a peça que faltava nessa constelação historiográfica para apresentar a Amazônia do início do século XX¹⁰ no pensamento social brasileiro.



A obra literária e jornalística de Raimundo Moraes envolve ficção, mas predominam as duas formas de realidade¹¹: o *pensável* e o *vivido* (Certeau, 1982). XX. O livro *Na Planície Amazônica* do escritor paraense apresenta uma narrativa regionalista de teor literário nativista e “de prosa agradável, de lampejos literários, sem os preciosismos provincianos, ou o linguajar propositadamente exagerado para caracterizar a sua região” (TOCANTINS, 2000, p. XXI). Os temas tratados são diversos desde os tipos sociais encontrados na Planície até o imaginário das lendas amazônicas.

⁸ “Com as *Notas dum jornalista*, Raimundo se fez um escritor paraense. Com *Na Planície Amazônica*, um escritor brasileiro. Foi lido no país todo. Discutido. Aclamado. Estava célebre. Mas continuava no Norte” (COSTA, 2013: 203).

⁹ A imagem ao lado é a capa da sétima edição do livro *Na planície Amazônica* (2000). Disponível em http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho/asp/publicacao.asp?COD_PUBLICACAO=22. Acesso: 16/05/2014.

¹⁰ A importância dessas narrativas sobre a Amazônia repousa na sua influência decisiva sobre os vários discursos políticos que predominaram sobre a região amazônica, sobre sua paisagem natural e humana na primeira metade do século XX. Cf. Rômulo de Paula Andrade (2009; 2010) em “Natureza, clima e civilização: as bases do pensamento social da Amazônia no Estado Novo” e em “‘Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta’: Getúlio Vargas e a revista ‘Cultura Política’ redescobrem a Amazônia (1940-1941)”.

¹¹ “De um lado o real é o *resultado* da análise e, de outro, é o seu *postulado*” (CERTEAU, 1982: 45, grifo no original).

Nos idos de 1920 quando o livro *Na Planície Amazônica* (1926) foi lançado, havia se encerrado os tempos áureos da *Belle Époque*¹², porém, o imaginário da ornamentação *bellepoqueana* na Amazônia ainda era cultivado no campo literário e jornalístico. Segundo Edinea Mascarenhas Dias (1999), a modernidade engendrada na *Belle Époque* na Amazônia traria um novo estilo de vida e grandes transformações materiais e espirituais, memória difícil de apagar mesmo com a aguda crise da economia da borracha¹³.

As trocas simbólicas entre os atores sociais na *Belle Époque* amazônica intensificaram-se através de usos dos espaços de sociabilidades em agremiações e entidades como associações partidárias, lojas maçônicas, clubes de diferentes procedências nacionais e até internacionais, sociedades musicais e agremiações científicas e nos teatros¹⁴, em banquetes, em bailes e em passeios públicos.

O crescimento e a urbanização das capitais amazônicas são emblemáticos do “progresso” e da ação controladora do empreendimento civilizador sobre a floresta. Porém, a modernização conviveu com a exploração do trabalho do seringueiro nos sertões amazônicos¹⁵ através principalmente do “aviamento”¹⁶.

Essas transformações foram vividas por Raymundo Moraes que lançou, em 1908, *Traços a Esmo*, sua primeira obra, uma coletânea dos trabalhos publicados no jornal *A Província do Pará*.

¹² Os principais estudos acerca desse processo histórico na Amazônia debruçaram-se principalmente sobre a urbanização das cidades de Belém no Pará e Manaus no Amazonas: “Manaus 1890-1920: A ilusão do Fausto” de Edinea M. Dias (1999) e “Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque” de Nazaré Sarges (2010). Esses são os estudos mais importantes para a historiografia da Amazônia sobre o assunto ainda hoje. A *Belle Époque* Amazônica foi caracterizada pelo chamado boom da borracha o que a diferenciou historicamente da *Belle Époque* Tropical definida por Jeffrey Needell (1993) como o processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro, visto que as transformações urbanísticas ocorridas já nos anos de 1890 nas capitais amazônicas, devido à prosperidade da extração e comercialização da borracha, anteciparam e estimularam o que viria a acontecer, no início do século XX, na capital da República.

¹³ Sobre a Economia da Borracha na Amazônia consultar “História Econômica da Amazônia (1800-1920)” de Roberto Santos (1980) e de Barbara Weinstein (1993), “A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)”.

¹⁴ Nesse sentido, tanto o Teatro da Paz, em Belém, inaugurado em 1878, quanto o Teatro Amazonas, em Manaus, inaugurado em 1896 são emblemáticos dessas novas esferas de sociabilidade.

¹⁵ Sobre o trabalho nos seringais, há, inclusive, um rico acervo literário, como é o caso do romance autobiográfico *A Selva* (1930) de Ferreira de Castro que retrata bem o que significava o sistema de aviamento para o seringueiro.

¹⁶ O princípio norteador da relação estabelecida entre seringueiros e seringalistas era a dívida. Essa relação deu origem a um sistema, que ficou conhecido como “aviamento” (SANTOS, 1980, *passim*). Os seringueiros tinham de adquirir víveres, ferramentas e produtos de primeira necessidade a valores elevadíssimos e tinham de fornecer a borracha a valores insignificantes. Cada vez mais endividados com o seringalista, só podiam deixar os seringais quando pagassem a sua dívida na totalidade. Portanto, os seringueiros, segundo a definição de Euclides da Cunha, eram sujeitos espoliados e submetidos à violência cabal e simbólica no “paraíso diabólico dos seringais” (CUNHA, 2000: 127).

Nos anos de 1920, a releitura do realismo naturalista predominou como a chave estética da representação literária da Amazônia, desde Euclides da Cunha em *À margem da História* (1905) à Peregrino Júnior (1898-1983) em *A mata submersa e outras histórias da Amazônia* (1960) (Hardman, 2007).

No período de 1920 a 1922, Raymundo Moraes colaborou no jornal *O Estado do Pará*, quando se preparava um pleito eleitoral à presidência da república em que se debatia sobre a candidatura polêmica de Arthur Bernardes (1875-1955). Ao se envolver em um incidente em 1922¹⁷, Raymundo Moraes teve de se retirar para Manaus no Amazonas e depois para Bolívia. Talvez por isso, acabou mantendo-se distante das efemérides na Amazônia: o centenário da Independência do Brasil em 1922 e da adesão do Pará à Independência do Brasil em 1923¹⁸.

Em 1924, o autor voltou a publicar um novo livro, *Notas dum Jornalista*, e dois anos depois lançou a obra que o colocou na galeria dos grandes escritores brasileiros: *Na Planície Amazônica*. Em 1927, Raymundo Moraes publicou *Cartas da Floresta*.

Na década de 1930, a saga literária de Raymundo Moraes ampliou-se bastante com a publicação de notas e artigos no jornal *A Província do Pará* e também com a publicação de obras como *País das Pedras Verdes* em 1930, *Meu dicionário das cousas da Amazônia*, em dois volumes, em 1931, *Amphiteatro Amazônico* e *Ressuscitados* em 1936, *Alluvião*, um ano depois em 1937, *Os Igarauínas* em 1938, *O Homem do Pacoval*, *Machado de Assis*, *À margem do livro de Agassiz* e *Histórias Silvestres do tempo em que animais e vegetais falavam na Amazônia* em 1939, *Cosmorama* em 1940 e *Um Eleito das Graças* no ano de sua morte em 1941.

3. O flâneur da Planície tornou-se “Um descobridor do Amazonas”¹⁹

¹⁷ Raymundo Moraes envolveu-se em uma briga com dois jornalistas da *Folha do Norte*, Heráclito Ferreira e João Santos; o jornal *Folha do Norte* fazia oposição ao governo da época. Moraes ao ser agredido pelos jornalistas sacou uma arma e desvelou um tiro que matou o jornalista Heráclito Ferreira no local da briga. Por esse motivo, Moraes foi preso e conduzido à delegacia. Cf. nota de rodapé nº 46 em LARÊDO, 2007: 32.

¹⁸ “*Independência e adesão*, bem entendido, fazem parte de um mesmo jogo político no interior das genealogias intelectuais” (grifo do autor, FIGUEIREDO, 2001: 194).

¹⁹ Título do artigo em que J. C., um jornalista do jornal *Correio Paulista* presta homenagem a Raymundo Moraes na ocasião de seu falecimento. Em: CORREIO PAULISTANO, quinta-feira, 6 de fevereiro de 1941, p. 5. Ano 1941/ Edição 26050. Acervo da Biblioteca Nacional. Hemeroteca digital. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&PagFis=5016. Acesso em 10 de abril de 2015. Acervo da Biblioteca Nacional, Hemeroteca Digital.

A obra de Raymundo Moraes apresenta uma forte influência do pensamento cientificista do início do século XX, herança da linha literária euclidiana em *À margem da História*²⁰: “E a flora e a fauna, a água e o solo, sem a imaginação exaltada do frade e do soldado, do pirata e do almirante, definem-se, *nestes dias radiosos da ciência, nos traços fiéis da verdade*” (MORAIS, 2000: 5, grifo meu).

No entanto, a despeito da importância que vê na ciência para definir as plantas, os animais e as paisagens na Amazônia, o escritor reconhece também a importância do imaginário nativo, pois “Apesar, todavia, das observações científicas dos naturalistas, que rasgam véus da História Natural, a lenda entremeia-se à vida do homem, rodeando-lhe de mistério os passos e a crônica” (Ibidem: 7).

Valoriza o imaginário nativo e critica com veemência a brasileiros, a quem chama de ridículos, que alimentam um imaginário depreciativo acerca do país e da região por “esnobismo” e “exibição literária”; elogia o interesse de estrangeiros²¹ que empreenderam esforços para conhecer a Amazônia, até mesmo percorrendo os seus mais distantes recônditos.

Apontando a imensa “caravana ilustre” (Ibidem: 113) que percorreu a Amazônia desde a expedição de La Condamine até Cândido Rondon, de Humboldt a Ehenreich, Moraes cita naturalistas renomados que passaram pela Amazônia e reconheceram, já à época, o futuro prodigioso do vale amazônico. Nessa perspectiva, dá o exemplo do Acre no passado, ressaltando “... a inclemência de seus ares, tal a hostilidade de sua gleba, tal a densidade de sua mata” (MORAIS, 2000: 114) e que depois da presença humana desbravadora, saneando-o e o purificando para fixar o habitante à plaga, tornou-se terra branda e aprazível.

Se a vida agora já é propícia, mal completo ainda o levantamento telúrico, avalie-se o que não será amanhã, quando a bacia trabalhada pelos ventos e pelas águas atingir altitude desafogada. Surgirá, então, dilatado e completo, por mando dos Fados, o florido Paraíso Verde, alcatifado, arroteado, povoado, capaz de abastecer o orbe de frutas, de legumes, de cereais e de carnes (MORAIS, 2000: 114).

Moraes mantém uma visão positiva quanto ao futuro do vale amazônico e propõe um modelo de desenvolvimento para a Amazônia, que será a “indústria pastoril”. Exalta a Amazônia como a “Terra da Promissão”, o “Paraíso Verde”, contrapondo-se à ideia de

²⁰ Cf. José Carlos Barreto de Santana (2000) em “Euclides da Cunha e a Amazônia: visão mediada pela ciência”.

²¹ Crítica os *brazilianists* Thomas Buckle em “*History of Civilization in England*” (1857), traduzida para o português em 1989-1900; e Elisée Reclus em “Estados Unidos do Brasil” (1900).

Alberto Rangel (1908) de “Inferno Verde”²². O escritor refere-se, por exemplo, à construção da Madeira-Mamoré como símbolo de progresso na região e que algumas mazelas do progresso, portanto, não passam de fantasia:

Cruzam versões sensacionais, que fazem a história desse trecho trafegável ser escrita ao sabor da verdade e da mentira. [...]

Com respeito aos dormentes, avaliados um por vida abatida, o exagero não é menor. Basta dizer que a Madeira-Mamoré possui, sem incluir os desvios, estimados em 30 quilômetros, 512.400 dormentes. Entre mortos, aleijados e perdidos, a estatística verbal, à falta da gráfica, não chega a contar 10.000, inclusive prófugos. Faltam, portanto, 502.400 defuntos...

Como se vê, a fantasia é delirante. (MORAIS, 2000: 148/9).

A construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré foi uma trágica epopeia na Amazônia, analisada por Francisco Foot Hardman (1988) em “Trem Fantasma: a modernidade na selva”. As dificuldades tecnológicas para a construção, a pouca familiaridade dos técnicos estrangeiros com a floresta e o clima, as doenças que acometiam com frequência os trabalhadores e demais envolvidos, além das péssimas condições de trabalho, implicaram na demora da conclusão do empreendimento da estrada de ferro. Depois de pronta, foi utilizada muito pouco, pois a Bolívia passou a escoar mercadorias pelo Pacífico e a crise da borracha não conseguiu mantê-la em funcionamento. A “ferrovia da morte”, como ficou conhecida devido às inúmeras mortes durante sua construção, foi desativada.

A Madeira-Mamoré, acredita Moraes (2000: 126), representa para o povo confinado na região de Porto Velho um símbolo de progresso: “... parte dali para salvar a região encachoeirada no Madeira”. Defende o escritor paraense que o progresso à região chegou a partir dessas iniciativas empreendedoras sobre a floresta, pois esse movimento atraiu do inglês de Londres à francesa de Paris, fez fluir nos canos e torneiras a água saneada, fez chegar aos lares e às ruas a luz nas lâmpadas. Daí observa a vida cultural fervilhante dessa região através da rede de sociabilidade presente no salão do seu Clube Internacional, da imprensa local, com seus dois jornais *Alto Madeira* e *A Gazeta* e do seu Café Central. Porto Velho, então, é denominada pelo escritor de uma Cidade à *Far- West*.

Se pensa a migração como o grande sinal da Amazônia, Raymundo Moraes vê o encontro entre diferentes tipos sociais como uma característica regional marcante. A relação

²² “Atacado por um daltonismo esquisito, [...]. Não enxerga através da paisagem amazônica, enxerga através dos círculos da *Divina Comédia*. Ao invés de radiosa e vibrante alma nacional, quem anima o drama de seu livro *Inferno Verde* é o espírito soturno e crepuscular de Dante” (MORAIS, 2000: 123, grifo do autor).

entre a planície e o mestiço, revelada na obra de Raymundo Moraes, forja uma identidade regional tecida a partir dos ideais de raça e nação²³:

No livro *Amphiteatro Amazônico*, Raymundo Moraes criticava a incursão dos Barbadianos imigrados para Belém, porque eram negros e eram apontados por ele como tipos de “caras antipáticas” que “mesclaram a seleção que se fazia no pardavasco aqui nascido, toldando-lhes o semblante alegre e a feição branda”. O pardavasco a que se refere Moraes é o mestiço oriundo de branco com negro, o mulato, mas o *mulato metido a branco*, o que coloca em evidência as imagens sobre os tipos humanos acionadas nos posicionamentos políticos sobre a imigração e sobre o povoamento na região (LIMA, 2013, p. 41).

Ao forjar certa leitura da história da nação através de um regionalismo polissêmico²⁴, Raymundo Moraes tenta garantir autenticidade à produção literária local assim como contribuir para a promoção dos novos sentidos da nacionalidade brasileira diferentes daqueles presentes na literatura do século XIX, denominada por Bopp (2012) de “literatura de erosão”²⁵, enfatizando a valorização do “caboclo” da Amazônia. As qualidades do homem amazônico, do caboclo (sertanejo da região) são enfatizadas pelo escritor que o vê como resistente, ingênuo, corajoso, sem ambição:

Caboclo – L. G. Vindo do mato. Originário da selva. Produto do *estrangeiro invasor* com o índio. O termo é afetoso, empregado com ternura. Meu caboclo. Cabocla da gente. Aquele caboclo é pesado. *Todos nós, da Planície, nos orgulhamos de ser caboclos* (MORAIS, 2013: 43, grifo meu).

E se reconhece o caboclo como o tipo social mais relevante da Amazônia, Raymundo Moraes reconhece o vale amazônico como o “Paraíso Verde, fecundo, abundante, delicioso” (MORAIS, 2000: 111) e critica os “maus brasileiros”, os “viajantes pernósticos”, os “falsos naturalistas”, os “escritores escandalosos” (Ibid.) que caluniaram a região.

4. Últimas palavras

²³ MORAES, Raymundo. *Amphiteatro Amazônico*. São Paulo: Melhoramentos, s/d. Cf. a tese de doutorado de Maria Roseane Corrêa Pinto Lima, “Barbadianos Negros e Estrangeiros: trabalho, racismo, identidade e memória em Belém em início do século XX” (2013).

²⁴ O modernismo na Amazônia construiu-se a partir de um viés regionalista que dividiu a produção literária local, principalmente, entre duas visões distintas: o paroquianismo e o cosmopolitismo. O ponto de vista qualificado como “paroquiano” encara a literatura na Amazônia como o bem maior da região, interessando somente aos que comungavam dos mesmos valores e experiências; e o “cosmopolita” que defende a necessidade de afirmação dessa produção literária em um contexto mais amplo, nacional e até “universal” (FIGUEIREDO, 2001).

²⁵ Esse tipo de literatura era feito devido à proliferação de “uma boa porção de homens de letras (...), sem raízes próprias, ainda ocupados com musas e anfitriões, que nada têm a ver com a vida nacional”, porém a reação modernista de 1922 “Descongestionou o ambiente, de temas ociosos, para descer diretamente às fontes puras da nacionalidade” (BOPP, 2012, p. 126, grifo meu).



Das Amazonas ao seringueiro e ao índio, do Paraíso Verde à Cidade de *Far-west* e à Atlântida, Raymundo Moraes, o *flâneur* da Planície afirma: “Os defuntos vão para a cova embarcados, embarcados vão os noivos, os padeiros, as procissões, os caçadores, os comerciantes, os trabalhadores, os eleitores, os namorados, os músicos. O rio é a rua” (MORAIS, 2000: 33). O rio foi a rua de Raymundo Moraes por longos anos de sua vida como comandante do navio “Rei Lear” e mesmo depois de abandonar o ofício nos gaiolas e tornar-se escritor continuou a singrar os rios na Amazônia através de sua literatura.

Na tentativa de definir a paisagem natural e cultural da região, Raymundo Moraes na primeira metade do século XX construiu os maiores símbolos da planície amazônica: a natureza e o caboclo.

Compartilho, ao finalizar este texto, a ideia de Martha Abreu (1998) no desafio de pensar o livro mais famoso de Alexandre José Mello Moraes Filho (1844-1919), a obra *Festas e tradições populares do Brasil* (1901), para ela “autor e obra não se encaixam em nenhum modelo, rótulo e definição estreita” (ABREU, 1998, p. 182). Da mesma forma, nem a obra – *Na Planície Amazônica* - nem o autor – Raymundo Moraes - podem ser pensados como arquétipos fixos e estanques, por isso a única conclusão que posso registrar aqui é que o exercício de pensar a obra *Na Planície Amazônica* (1926) de Raymundo Moraes só está no começo.

Fontes citadas

CORREIO PAULISTANO, quinta-feira, 6 de fevereiro de 1941, p. 5. Ano 1941/ Edição 26050. Acervo da Biblioteca Nacional. Hemeroteca digital. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&PagFis=5016. Acesso em 10 de abril de 2015.

MORAIS, Raimundo. *O meu dicionário de cousas da Amazônia*. Brasília: Senado Federal, 2013.

_____. *Na Planície Amazônica*. Brasília: Senado Federal, 2000.

Fotografia de Raimundo Moraes, 1935. Imagem disponível em: <http://catadordepapeis.blogspot.com.br/2012/07/raymundo-moraes-1872-1941.html>. Acesso 16/05/2014.



Capa da 1ª edição do livro *Na Planície Amazônica*, 1926. Imagem disponível em: <http://catadordepapeis.blogspot.com.br/2012/07/raymundo-moraes-1872-1941.html>.

Acesso 16/05/2014.

Capa da 7ª edição do livro *Na Planície Amazônica*, 2000. Disponível em http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho/asp/publicacao.asp?COD_PUBLICACAO=2. Acesso: 16/05/2014.

Bibliografia

ABREU, Martha. “Mello Moraes Filho: Festas, tradições populares e identidade nacional”. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Affonso. *A História contada: Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, pp. 171-193.

ANDRADE, Rômulo de Paula. Natureza, clima e civilização: as bases do pensamento social da Amazônia no Estado Novo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, n. 25, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM. Disponível em <http://anpuh.org/anais/?p=18486>.

_____. Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta: Getúlio Vargas e a revista “Cultura Política” redescobrem a Amazônia (1940-1941). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Ciênc. hum.* [online], Belém, vol.5, n. 2, 2010, pp. 453-468. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v5n2/a15v5n2.pdf>.

BERMAN, Marshall. “Tudo que é sólido desmancha no ar: Marx, Modernismo e Modernização”. In: *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, pp. 85-125.

BOPP, Raul. *Movimentos modernistas no Brasil – 1922-1928*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. Lisboa: Guimarães Editores, 1991.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COSTA, Angione. “O prosador do dia”. In: MORAIS, Raimundo. *O meu dicionário de cousas da Amazônia*. Brasília: Senado Federal, 2013, pp. 203-204.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do fausto*. Manaus: Valer, 1999.



FIGUEIREDO, Aldrin. *Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas: UNICAMP, 2001.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem-fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. A Amazônia como voragem da história: impasses de uma representação literária. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 29, jan.-jun. 2007 pp. 141-152. Disponível em http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/2909.pdf.

LARÊDO. Salomão. *Raymundo Moraes na Planície do Esquecimento*. Dissertação de Mestrado. Belém: UFPA, 2007.

LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. *Barbadianos Negros e Estrangeiros: trabalho, racismo, identidade e memória em Belém em início do século XX*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2013.

NEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTANA, José Carlos Barreto de. Euclides da Cunha e a Amazônia: visão mediada pela ciência. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online], Rio de Janeiro, vol.6, suppl, 2000, pp. 901-917. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v6s0/v6s0a07.pdf>.

SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)*. 3ª ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.

TOCANTINS, Leandro. “Introdução: Um Escritor Nativista”. In: MORAIS, Raimundo. *Na Planície Amazônica*. Brasília: Senado Federal, 2000, pp. XI-XXVIII.

WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. São Paulo: Editora Hucitec/ Edusp, 1993.